



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço oferecido ao presidente do Líbano, Michel Sleiman

Palácio Itamaraty, 22 de abril de 2010

Presidente: Gente, vamos lá?

Jornalista: Presidente, eu quero... tenho uma pergunta para o senhor. O senhor falou aqui no discurso do senhor que não haverá paz no Oriente... Não estou sendo exato, mas o senhor disse que não haverá paz no Oriente Médio enquanto houver incerteza em relação ao problema nuclear do Irã. É uma crítica?

Presidente: Não, é uma constatação. Veja: nós estamos constatando e, por isso, estamos empenhados em que o ministro Celso Amorim, primeiro, pela via diplomática até a minha visita a Teerã, que a gente tente encontrar uma saída para resolver o problema existente hoje entre o Conselho de Segurança e o Irã. Nós defendemos a utilização da energia nuclear para fins pacíficos, queremos para o Irã aquilo que nós queremos para o Brasil, e no Brasil está prevista na Constituição a proibição de armas nucleares. Portanto, nós temos autoridade moral e política para discutir esse assunto com quem quer que seja. Discutir a paz hoje no mundo não é privilégio de um ou de outro país. É de todos aqueles que praticam, cotidianamente, a paz, aqueles que têm autoridade constitucional para falar em paz. Por isso nós estamos muito interessados e por isso nós achamos que para que a gente construa a paz, nós temos que resolver problemas que ainda têm no Oriente Médio, problema que tem de divergência entre a visão iraniana e a visão do Conselho de Segurança, e é exatamente por isso que nós estamos fazendo esse esforço para tentar encontrar uma saída



que possa ser negociada entre o Irã e a Agência, entre o Conselho de Segurança e o Irã.

Jornalista: O senhor (incompreensível) o Presidente do... O Presidente do Líbano pode segurar o pedido para que entre em votação, no Conselho de Segurança, a resolução nas sanções? Porque o Líbano vai presidir o Conselho de Segurança, agora, em maio, Presidente. O senhor tratou sobre esse assunto?

Presidente: Olha, veja... Primeiro que, mesmo que eu soubesse, eu não podia responder.

Jornalista: Por quê?

Presidente: Porque é uma questão estratégica do comportamento de um presidente de um país que preside uma instituição importante como o Conselho de Segurança. Ora, não sou eu que vou dizer se ele vai tomar a decisão ou não. O que eu tenho consciência hoje é que eu acho que vai prevalecer a maturidade dos homens que compõem o Conselho de Segurança e vão decidir aquilo que for mais seguro para garantir a paz. Eu acredito num jeito de fazermos a paz, outros acreditam noutro jeito e vamos ver, sabe? O que importa é que a paz aconteça no mundo, porque o mundo está precisando de muita paz.

Jornalista: Presidente, o ministro do Planejamento disse hoje que o senhor vai convocar uma reunião para falar sobre os aposentados. O senhor vai enquadrar os ministros? É isso?



Presidente: Não, quem sou eu? Quem sou eu para enquadrar.. Veja, eu, eu apenas, apenas acho que... tem uma proposta que foi mandada depois de um acordo feito pelo governo com as Centrais Sindicais. Depois a Câmara dos Deputados discutiu uma proposta e aprovou uma outra proposta. Essa proposta foi para o Senado, agora se discute no Senado se será 7, se será 7,7, se será 6,14. Veja, ao Presidente da República não cabe ficar dando palpite dizendo no que eles devem votar. A proposta do governo estava acordada com as Centrais Sindicais. Se o Congresso fizer alguma coisa diferente, eu vou receber o projeto aprovado e no silêncio da minha mesa vou tomar a decisão que eu tiver que tomar.

Jornalista: Quando?

Presidente: Até porque... quando for aprovado e quando vier para eu sancionar. Até porque, eu não acredito que dentro do Congresso Nacional tenha qualquer senador ou deputado que defenda mais o aposentado do que eu.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Então o que eu quero... o que eu quero é o bem para o aposentado olhando o seguinte: eu, ao colocar comida no prato das pessoas, eu tenho que saber a quantidade de comida que tem na panela. Então, é.. é uma questão de custo-benefício. É preciso saber se o que for aprovado é possível a Previdência custear, a Previdência que é um patrimônio do trabalhador. É um patrimônio dele, portanto, ele tem responsabilidade ao lidar com o dinheiro que é seu.



Jornalista: Algum ministro já disse para o senhor o limite, né, Presidente?. Algum ministro já disse para o senhor o teto. Dá para chegar até tanto...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Acho que não.

Jornalista: O senhor concorda com 7, o ministro Vacarrezza disse que o senhor concorda em melhorar para 7.

Presidente: Olhe, eu... eu, sinceramente, não faço política por diz-que-diz. Quando a proposta for aprovada ela chega na minha mesa. Chegando na minha mesa, eu vou tomar a decisão. Eu espero que todo mundo... sabe, a partir do presidente da República, do presidente da Câmara, do presidente do Senado, dos líderes, que todo mundo aja com a maior maturidade possível para que a gente faça o melhor possível, sem causar prejuízo a ninguém.

Jornalista: Presidente, em Belo Monte...

Presidente: Hein?

Jornalista: Em Belo Monte, com as empresas públicas, já começaram a brigar?

Jornalista: Não foi contra a política meio-ambiental prometida pelo Brasil?

Presidente: Olha, antes de falar de Belo Monte eu vou dar uma novidade para vocês. Eu estou mandando, eu estou mandando o ministro Celso Amorim ir para Teerã.



Jornalista: Quando?

Presidente: Hoje.

Jornalista: Hoje?

Presidente: Ele vai à Teerã, porque vai visitar... Ele vai visitar outros países também, vai passar na Turquia, vai passar em Moscou

_____ : Istambul e Moscou.

Presidente: Mas nós vamos conversar para ver se a gente amadurece toda e qualquer discussão até a minha chegada a Teerã. Desculpem, eu não estou olhando para vocês.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Por isso é que eu não apareço na televisão, porque eu dou entrevista olhando para vocês.

Jornalista: Alguma mensagem especial, Presidente, ao presidente Ahmadinejad?

Presidente: Não, eu estava dizendo para a imprensa que eu estou mandando o ministro Celso Amorim a Teerã. Ele vai passar em Istambul, vai passar em Moscou, porque nós queremos preparar bem a viagem, saber quais as possibilidades que nós temos de fazer com que a Agência faça algum acordo com o Irã. Então, o Celso está fazendo essa missão agora, que é muito



importante, que antecede a minha missão, tá? Só para vocês saberem, se amanhã alguém quiser falar com o Celso e ele não tiver, ele estará viajando para uma missão importante.

Jornalista: Presidente (incompreensível) por exemplo, seis meses atrás, lá na abertura da Assembleia Geral da ONU o senhor tinha um discurso de alinhamento (incompreensível) aprovação do Ahmadinejad. Isso é uma posição (incompreensível).

Presidente: Do quê? Do quê?

Jornalista: O senhor, na Assembleia (incompreensível)

Presidente: Não, veja...

Jornalista: O senhor falou que eles tinham direito.

Presidente: Tem, tem o direito. Eu tinha naquela época, não, eu tenho agora. E vou dizer aqui em alto e bom som: o Brasil defende a tese de que o Irã tem o direito de produzir energia nuclear para fins pacíficos, seja para produzir energia elétrica, seja para produzir remédio. Vou dizer mais: o Brasil defende para o Irã o mesmo que o Brasil tem, que está colocado na sua Constituição. O que o Brasil não vai defender nunca é que o Irã não possa utilizar energia nuclear para fim pacífico. Todo mundo tem o direito de utilizar para fim pacífico, até porque...

Jornalista: E o risco de ser em uso militar, Presidente?

Presidente: Até porque nós estamos vivendo um mundo de mudança climática



muito grande, todo mundo sabe dos gases de efeito estufa, o prejuízo que está causando, e nós precisamos de energia limpa. E a energia nuclear é uma das fontes de energia limpa no mundo. E isso nós começamos... E isso nós queremos dizer em alto e bom som, para o mundo e para o Irã. Ou seja, o limite é manter a paz.

Jornalista: E o que o presidente libanês disse sobre essa situação?

Presidente: Não, não...

Jornalista: Mas o que o senhor chama de indefinição?

Jornalista: O senhor falou... no discurso do senhor hoje, o senhor falou em indefinição do programa nuclear do Irã, que o Líbano não vai ter tranquilidade (incompreensível).

Presidente: Não, é porque... Olha, se já tivesse definido, não teria toda essa polêmica que tem, minha filha. Qual é a polêmica que tem hoje? A polêmica é que o Irã diz que não vai fazer enriquecimento de urânio para bomba nuclear e alguns duvidam disso. Então, não tem uma definição. Tem uma divergência profunda entre o que fala o Irã, o pessoal do Conselho de Segurança e a própria Agência. Nós queremos é compatibilizar um só discurso, uma só voz e uma só paz.

Jornalista: Não é um risco muito grande para a sua biografia, não, Presidente...

Presidente: Não.



Jornalista: ...essa questão do Irã...

Presidente: O risco maior que eu poderia ter era me omitir, achando que só alguns países é que podem cuidar da paz.

Jornalista: Mas, Presidente, não preocupa o senhor a possibilidade de eles fabricarem essa bomba?

Presidente: Não. Veja... não preocupa.

Jornalista: Mas que tipo de segurança o senhor pode ter de que eles não estão realmente com um projeto ...?

Presidente: Não, eu não tenho segurança, minha querida. Eu não tenho segurança porque isso não é uma coisa pessoal. Isso tem que ser feito um acordo. Que tipo de segurança você tem [de] que a China é para a paz, que a Índia é para a paz, que o Paquistão é para a paz, que os Estados Unidos são para a paz, que a Rússia é para a paz? Que segurança que nós temos? Ora, o que nós temos são documentos, são tratados, são acordos e é por isso que nós acreditamos que os foros multilaterais vão decidir essa garantia para todos nós, sempre na expectativa de que ninguém tenha momentos de loucura e queira utilizar para outra coisa.

Jornalista: Presidente, Belo Monte. Presidente, sobre Belo Monte.

Presidente: Belo Monte... eu, sinceramente... esses dias eu fiquei analisando as notícias sobre Belo Monte e eu às vezes compreendia, às vezes não compreendia. Primeiro, porque faz exatamente 30 anos que se critica todos os governos que passaram pela República deste país, de não fazer a hidrelétrica



de Belo Monte. Faz 30 anos! Ficou, 20 anos, proibido de fazer estudo e é só ir atrás do noticiário da imprensa que vocês vão perceber que todos os governos que vieram antes de mim foram criticados porque não conseguiram fazer Belo Monte. Pois bem, nós conseguimos, no maior processo de democratização possível, legalizar e fazer o leilão de Belo Monte. Tivemos que derrotar tantas quantas liminares entraram na Justiça, foram derrotadas. Agora o argumento dos contra é dizer que o preço foi barato. Eu achei fantástico! Ora, nós fazemos leilão para quê? Para que a melhor oferta – e a melhor oferta é o preço de energia que vai chegar para o consumidor – ganhasse. De repente, a menor oferta ganha e as pessoas começam a dizer: “Mas foi oferecido por empresas pequenas, as grandes caíram fora...” Caíram fora porque quiseram.

Jornalista: Mas, Presidente...

Presidente: Disputa...

Jornalista: ...não vai contra o meio ambiente...

Presidente: Disputa é disputa.

Jornalista: ...que é o compromisso do Brasil?

Presidente: Veja, minha filha. Eu vou... Desculpa eu falar “minha filha”, que eu já falei duas vezes. Isso é... Há um equívoco aqui que é o seguinte. Eu queria dizer apenas o seguinte, olhe: há um equívoco imenso. É preciso que as pessoas conheçam profundamente o projeto para as pessoas darem palpite correto. Nós diminuimos o reservatório em 60%. O reservatório da atual hidrelétrica a ser construída é 60% daquilo que era o original. Portanto, nós estamos levando em conta a questão ambiental. No custo do projeto, R\$ 3,5



bilhões são para impacto ambiental. E obviamente que parte desse dinheiro é para cuidar da qualidade de vida dos índios, da qualidade de vida dos ribeirinhos, porque nós estamos mudando o jeito de fazer hidrelétrica neste país.

Então, eu acho que foi muito importante o leilão porque a gente está percebendo que não é uma empresa que impõe o preço que ela quer. Quando a gente queria fortalecer a Eletrobrás, quando a gente queria fortalecer as empresas públicas brasileiras, é porque vocês lembram que quando eu entrei no governo as empresas públicas brasileiras não podiam participar de leilão. Elas eram proibidas de participar de leilão porque era só para empresa privada. Primeiro nós garantimos que as públicas participassem. Depois tivemos a coragem de transformar a Eletrobrás numa *holding* que possa ser tão forte quanto a Petrobras, que possa captar dinheiro no exterior, e se alguma empresa privada não quiser participar de uma obra, nós faremos a obra. Deus queira que elas queiram participar de todas, porque para nós o ideal é essa parceria público-privada, mas se elas não quiserem fazer, se o preço estiver acima da conta, nós faremos por conta própria.

Aí, qual é o outro argumento utilizado? “Ah, mas não houve audiência pública”. Ora, se a gente for perguntar para a torcida do Corinthians se ela está de acordo com a derrota do Corinthians para o Santos, nunca vai estar. Nós fizemos leilões... Nós fizemos, nós fizemos debate... audiência pública como ninguém nunca fez. “Ah, mas o governo está levando gente”. Quer dizer que quem é contra pode levar, quem é favorável não pode ir? Então, vocês sabem de uma coisa, eu vou apenas repetir aqui: tem uma instituição aí, que eu não sei se é ONG, não sei o que é, que ela tinha muita gente que trabalhou em 2001, no apagão, essas pessoas que trabalham nessa empresa, que eu não sei a sigla dela, trabalhavam no governo que teve o apagão, em 2001. Então essa gente, desde que eu tomei posse, em 2003, eles levantam de manhã e vão dormir à tarde fazendo figa para que tenha um apagão neste país, para



eles poderem dizer que o governo foi incompetente na questão energética. E, orgulhosamente, eu digo para vocês: não terá apagão no Brasil, a não ser que haja uma catástrofe e, aí, contra a catástrofe ninguém pode, só Deus pode. Mas nós, nós já fizemos, em oito anos, 30% do total de linhas de transmissão feitas em quase 125 anos. Trinta por cento foi feito apenas em oito anos, no meu governo. E, portanto, Belo Monte, Jirau, Santo Antônio são coisas que os nossos adversários torcem para não dar certo. Eu vi um cidadão dizer: “Ah, isso é política. Ah, o presidente Lula quer fazer Belo Monte porque é política”. Ora, quem não quis fazer política, fizeram o apagão.

Então, eu estou consciente de que um país que quer ser a 5ª economia do mundo, na próxima década, de que um país que quer oferecer aos investidores garantia de energia, é um país que tem que pensar cinco anos para frente. E, por isso, nós estamos fazendo essa, estamos fazendo Santo Antônio e Jirau, estamos fazendo Estreito e vamos logo, logo anunciar o complexo Tapajós, que será uma revolução no sistema de produção de energia hidrelétrica neste país, energia hídrica. Vocês vão ver o que é um projeto plataforma, que logo, logo, nós queremos mostrar, para a imprensa brasileira saber o que é a hidrelétrica plataforma, que vai ser a revolução na construção de energia elétrica.

Jornalista: A Queiroz Galvão ameaça sair do consórcio, ela quer uma participação maior na construção...

Presidente: Meu filho, aquilo é que nem... O leilão, o leilão, entra quem quis e sai quem quer, depois. Não tem nenhum cadeado fechando a porta, não tem. Sabe? Tem várias portas, quem quiser entrar, entra, quem quiser sair, sai, não tem nenhum problema. A única coisa que eu digo é a seguinte: nós, enquanto Estado brasileiro, enquanto empresa pública, faremos sozinhos, se for necessário fazer. É isso.



Jornalista: E a Odebrecht e a Camargo Corrêa, elas vão poder construir?

Presidente: Podem ajudar, é só querer.

Jornalista: Dona Marisa, obrigada, viu? Obrigada, dona Marisa.

Presidente: É só você querer.

(\$31EGJLP)